



AGÊNCIA ESTADO
 Cliente: **GOVERNO POPULAR - CAMPINAS**
 Veículo: **30.09.91**
 Data: **30.09.91**
 Seção: **AMBIENTE** Página **15**

Alameda Ribeiro da Silva, 491
 CEP 01217 - Telefontes (011) 223-9310 - 220-4661

Combate contínuo a morcegos ameaça equilíbrio nas florestas

Com fama de vampiros, eles sofrem massacre e deixam de ajudar na reprodução das árvores

LIANA JOHN
 Agência Estado

A destruição sistemática e silenciosa dos morcegos brasileiros pode mudar a dinâmica de regeneração das florestas tropicais. Por causa da proliferação desequilibrada de uma única espécie de morcego nociva ao homem e ao gado — o morcego-vampiro ou *Desmodus rotundus*, todas as espécies de morcegos ganharam má fama e são combatidas indiscriminadamente. A aversão dos brasileiros à feitura desses animais, o medo do vírus da raiva que eles podem transmitir e a falta de informação que recheia as lendas sobre eles dificultam qualquer tentativa de conservação. Poucos percebem sua importância para o ecossistema.

Nas florestas, os morcegos insetívoros ajudam a manter o equilíbrio entre as populações de insetos noturnos, um papel tão importante quanto o das aves, que fazem esse "serviço" durante o dia. Ao seu lado, os morcegos nectarívoros e frugívoros também desempenham papéis fundamentais. De acordo com a botânica Marlies Szazima, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), existem algumas plantas da floresta tropical polinizadas exclusivamente por morcegos.

"É o caso das embauças (*Cecropia spp.*): suas sementes são dispersas por aves, morcegos e outros mamíferos, mas a polinização é feita apenas por morcegos", cita a bióloga. As embauças estão entre as pioneiras mais importantes das matas brasileiras. Quando a queda de uma árvore abre uma clareira natural ou quando uma área desmatada é abandonada para regeneração, sempre há uma espécie de embauça entre as primeiras árvores que nascem.

De crescimento rápido, as embauças fornecem a sombra neces-



Morcego "comedor de frutas" voa sobre uma árvore: perseguido indiscriminadamente

sária para as espécies mais nobres germinarem, além de abrigar e alimentar animais dispersores de sementes, que vão "plantar" as novas árvores da mata em regeneração. Como se embauças, diversas espécies de cactos são polinizadas por morcegos e têm, assim, garantida sua reprodução cruzada em ambientes adversos, como o semi-árido nordestino.

Também os morcegos frugívoros contribuem para a recomposição da vegetação natural ao dispersar as sementes de espécies ecologicamente importantes. A grande maioria dos frugívoros prefere os frutos silvestres de polpa macia e sementes pequenas. Mas, pelo menos uma espécie, o *Artibeus lituratus*, pode destruir frutos cultivados.

"Um morcego chega a comer 150 gramas de frutos por noite e 500 deles poderiam destruir 75 quilos de frutos por noite", explica o biólogo Valdir Taddei professor do Instituto de Biociências de São José do Rio Preto. Taddei ensina, porém, que o melhor remédio não é combater esses morcegos, mas plantar figueiras bravas, embauças, sete copas e chapéu-de-sol junto as plantações de frutíferas. Segundo o especialista, os morcegos não preferem a estas es-

pécies e deixar as cultivadas em paz.

Apesar de sua contribuição ao equilíbrio dos ecossistemas tropicais e de contar com a admiração de quem os estuda de perto, aos olhos da população leiga não existem morcegos "bomzinhos"; todos merecem a morte. A prática mais comum é afixar nas colônias das cavernas ou dos telhados com funcaia ou passar veneno de rato nos locais por eles habitados. Existe também uma pasta "vampirizada", que contém uma substância anticoagulante e costuma ser passada em alguns morcegos vivos, capturados com redes. "Como têm o hábito de se lambem após voltarem para as colônias, eles acabam ingerindo o anticoagulante e morrem de hemorragia", esclarece Taddei. O efeito multiplicador da pasta "vampirizada" é grande. "Se dez morcegos são lambuzados com a pasta, cerca de 300 vão morrer", explica o especialista. Mas ele alerta: "Este controle só deve ser feito por equipes treinadas para reconhecer a espécie nociva e avaliar se o envenenamento é mesmo necessário naquele local, do contrário podem ser mortas espécies benéficas".

Na verdade, analisando estrita-

mente do ponto de vista ecológico, a proliferação desequilibrada do morcego-vampiro, no interior do Brasil, está associada às "facilidades" que o homem trouxe para a espécie, ao destruir seu habitat natural (cavernas, ocos de árvores) e criar rebanhos (fonte de alimento). Os forros e telhados de casas, armazéns e currais oferecem condições perfeitas de temperatura e umidade para a instalação de colônias e é muito mais fácil atacar o gado manso e preso dos currais, do que os ariscos mamíferos silvestres. Como consequência, a espécie passou a se reproduzir mais rapidamente, rompendo o equilíbrio natural.

Agora, cabe ao homem buscar o restabelecimento do equilíbrio, mas com critérios científicos. Na década passada, os morcegos foram massacrados no Brasil com a ajuda de financiamentos do Banco Interamericano de Reconstrução e Desenvolvimento (Bird) com o objetivo de salvar os animais domésticos do vírus da raiva. Os recursos internacionais foram cortados depois das denúncias de entidades ambientalistas no Brasil e no Exterior. Entretanto, a desinformação, o pânico e a mania prosseguem em algumas localidades.

Poucos se alimentam de sangue

No Brasil há cerca de 150 das 900 espécies de morcegos conhecidas em todo o mundo. A diversidade nas nossas matas é uma das maiores, só perdendo para alguns países asiáticos. Mas nem todas as espécies têm grandes populações, o que as torna naturalmente raras. Várias delas conseguem viver próximo do homem, expostas ao combate equivocado, poluição, agrotóxicos e preconceitos. Outras tantas dependem de am-

bientes ecologicamente frágeis, como as cavernas, onde a menor mudança às vezes significa morte para uma grande população. E quase todas são pouco estudadas e até odiadas, o que pode levar à extinção sem que ninguém note, no silêncio da falta de informação.

Dentre as 150 espécies brasileiras, três são hematofagas, que dizer, alimentam-se de sangue. Dessas, duas espécies — o *Diphylla eucaudata* e o *Diadema youngii* — atacam exclusivamente aves. E só uma, o *Desmodus rotundus*, ataca mamíferos. As outras 147 espécies são de morcegos comedores de insetos, morcegos comedores de frutas; morcegos "beija-

flores", que se alimentam de néctar; morcegos carnívoros, que comem pererecas, outros morcegos e lagartos; morcegos pescadores, capazes de capturar pequenos peixes em vóos rasantes sobre a água, e morcegos onívoros ou capazes de se alimentar de frutas, folhas, insetos ou pequenos animais.

Quando não têm contato com o homem, nossos morcegos vivem nas matas tropicais, abrigando-se em cavernas, ocos de árvores e outros locais escuros. Eles desempenham papéis importantes no controle de insetos, na polinização e na dispersão de sementes de algumas plantas-chave, como embauça, pequi, ingá, unha-de-vaca e alguns maracujás.

Proteção esbarra na aparência 'feia'

Outro problema para os morcegos é que "o brasileiro não consegue pensar na conservação de um bicho que ele não pode acariciar", lamenta o biólogo Ivan Szazima, do Departamento de Zoologia, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). "Embora até existam alguns morcegos parecidos com urso, em geral, eles não são bonitinhos ou engracadinhos, como os macacos, e por isso ninguém vê a necessidade de preservá-los".

Szazima faz parte de uma organização internacional de conservação de morcegos, a Bat Conservation International (BCI), com sede no Texas (EUA).